



**CÂMARA MUNICIPAL DE
SÃO PAULO**

VEREADORA LUNA ZARATTINI

REQUERIMENTO

Requer a aprovação de Manifestação de
Pesar pela inestimável perda decorrente
do falecimento do Sr. Antônio Pires
Eustáquio.

**Senhoras(es) Vereadoras(res) membras(os) da Comissão Extraordinária de
Defesa dos Direitos Humanos e Cidadania da Câmara Municipal de São
Paulo:**

CONSIDERANDO o papel fundamental desta Comissão na defesa,
promoção e valorização dos direitos humanos, da dignidade da pessoa humana
e promoção da Memória e Verdade sobre as violações dos direitos Humanos na
Ditadura Militar na cidade de São Paulo;

CONSIDERANDO a descoberta da Vala Comum de Perus no dia 4
de setembro de 1990, de onde foram retiradas 1.049 ossadas de mortos e
desaparecidos políticos da ditadura militar, em função da busca extensa
realizada por Antônio Pires Eustáquio, mais conhecido como Toninho,
Administrador do Cemitério Dom Bosco, motivada pela busca da verdade e
preservação da memória dos mortos e desaparecidos políticos da ditadura
militar brasileira;



VEREADORA LUNA ZARATTINI

CONSIDERANDO a coragem de Toninho de denunciar a existência da Vala Comum de Perus, trazendo à luz as graves violações de Direitos Humanos cometidas na cidade de São Paulo no período da ditadura militar brasileira;

CONSIDERANDO ter sido concedido o título de Cidadão Paulistano ao Sr. Antônio Pires Eustáquio, conforme Decreto Legislativo nº 70 de 22 de novembro de 2022

CONSIDERANDO o falecimento de Antônio Pires Eustáquio no dia 6 de maio deste ano;

REQUEIRO que esta Comissão aprove Manifestação de Pesar pela inestimável perda decorrente do falecimento do Sr. Antônio Pires Eustáquio, nos termos abaixo:

Antônio Pires Eustáquio nasceu em 7 de abril de 1947 na cidade de Ipuiúna, no Sul do Estado de Minas Gerais. Mudou-se para a cidade de São Paulo, ainda jovem, onde, antes de iniciar sua carreira como servidor público, trabalhou na redação do jornal de Campo Limpo, na Zona Sul de São Paulo, como diretor de publicidade. Iniciou sua trajetória de trabalho no Serviço Funerário do Município de São Paulo, trabalhando nos cemitérios de Santo Amaro, Araçá, Consolação e Vila Mariana.

Em meados de 1976, Antônio foi convocado para administrar o cemitério Dom Bosco, em Perus, bairro localizado no extremo Norte da cidade de São Paulo, onde permaneceu no cargo até 1993. Toninho, como era conhecido, contribuiu de forma significativa e decisiva para o esclarecimento de importantes fatos que ocorreram no cemitério de Perus, no início dos anos 70, até o ano de sua chegada ao cemitério.



VEREADORA LUNA ZARATTINI

Estes fatos, haviam sido, até então, ocultados por seus antecessores. Toninho foi responsável pelo descobrimento e revelação da vala clandestina do cemitério de Perus, local onde foram encontradas mais de mil ossadas, sem identificação, entre as quais, as de militantes políticos desaparecidos durante o período da ditadura militar no Brasil. Além disso, auxiliou familiares a localizarem as sepulturas de seus parentes (também militantes) dados como desaparecidos, mas que estavam enterrados no cemitério, sob identidades falsas.

Nos anos que antecederam à administração de Toninho, militantes políticos eram perseguidos, torturados, mortos e seus corpos levados para o cemitério de Perus. Lá, seriam enterrados como indigentes comuns em covas específicas para esse tipo de sepultamento, uma vez que chegavam sem qualquer identificação.

Ao assumir o posto de administrador do cemitério de Perus, em 1976, Toninho ouvia alguns poucos relatos sobre o período em que os chamados "terroristas" eram levados para o cemitério Dom Bosco. Terrorista era a forma com que a repressão se referia aos opositores do regime militar.

A partir de então, Toninho, que tinha uma queda pelo jornalismo investigativo, começou a se debruçar, por várias noites, nos livros e registros da época, para tentar encontrar alguma informação a respeito. Ele acabou descobrindo que, aqueles milhares de indigentes não estariam mais em suas sepulturas originais.

Por lei, os ossos não procurados por familiares, após três anos do sepultamento, deveriam ser exumados e reinumados no mesmo local, em uma profundidade maior, a fim de abrir espaço para novos sepultamentos. Entretanto, Toninho constatou que os livros da época tinham apenas o registro



VEREADORA LUNA ZARATTINI

da data de exumação das ossadas. Faltavam as datas e locais da reenumação. Ele não conseguia entender por que os corpos não foram reenumados, como era de praxe. E esse mistério das ossadas, viraria para ele, a partir de então, uma obsessão. Toninho não se sentiria à vontade naquele cemitério enquanto não obtivesse uma resposta.

Após a Anistia, Toninho passou a ser procurado por familiares dos militantes desaparecidos políticos e, a partir dos dados fornecidos por eles, continuou a investigar o paradeiro dessas ossadas. Os funcionários antigos que trabalharam nos anos anteriores à sua gestão, tinham medo de falar no assunto, mas mesmo assim Toninho conseguiu a informação sobre a existência de uma exumação em massa, iniciada em 1975.

Após muita persistência e uma certa teimosia combinada com ousadia, Toninho finalmente conseguiu descobrir a informação sobre o paradeiro das ossadas: uma vala comum aberta irregularmente dentro do cemitério, com o objetivo de ocultar os mortos do regime militar para que os mesmos jamais fossem localizados.

Na manhã do dia 4 de setembro de 1990, a vala clandestina do cemitério de Perus foi aberta na presença de dezenas de repórteres e o caso ganhou repercussão nacional e internacional. Da vala foram retirados 1.049 sacos com ossos humanos. Após a abertura da vala, Toninho sofreu ameaças de morte, precisou se esconder com sua família por alguns dias, mas não desistiu de continuar engajado no auxílio aos familiares que buscavam seus parentes, até então desaparecidos.

Toninho foi exonerado do cargo de administrador do cemitério de Perus, no primeiro semestre de 1993, quando houve a troca de prefeitos da cidade de São Paulo. No entanto, a história da vala de Perus permanece e nunca mais será

**VEREADORA LUNA ZARATTINI**

esquecida. Virou relatório, virou livro, virou peça de teatro. Não fosse a coragem de Toninho, que ousou denunciar a existência daquela vala, quando a democracia brasileira ainda engatinhava, talvez essa grave violação dos direitos humanos permanecesse nas sombras até hoje.

"Fica registrado que os crimes contra a liberdade serão sempre descobertos", diz a inscrição em branco no muro vermelho construído no mesmo local da vala clandestina, em homenagem e memória aos mortos e desaparecidos da ditadura. O monumento, de autoria de Ricardo Ohtake, de acordo com relato de Toninho, tem a forma curva da palma de uma mão, simbolizando a mão da justiça sobre os injustiçados.

Falecido no dia 6 de maio de 2026, Toninho ecoa na luta pela Memória e Verdade na cidade de São Paulo, e permanece em cada documento e obra que trata das graves violações de Direitos Humanos desveladas pela descoberta da Vala Comum de Perus.

São Paulo, 11 de maio de 2026.

Assinatura manuscrita de Luna Zarattini em tinta azul, com o nome "Luna Zarattini" escrito de forma fluida e elegante.
LUNA ZARATTINI

Vereadora - Partido dos Trabalhadores

Presidenta da Comissão Extraordinária de Defesa dos Direitos Humanos e
Cidadania